



“Roland Corbisier: o intelectual público e seus marcos biográficos”

Fabício Augusto Souza Gomes¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é reconstruir a trajetória de Roland Corbisier, compreendendo sua formação intelectual e as suas atividades políticas, desde os anos 1930, quando abraçou o integralismo e foi fortemente influenciado pelo pensamento social católico, até os anos 1990, quando ainda atuava como intelectual público na vida política da sociedade brasileira, escrevendo artigos em jornais e participando de debates políticos. Mesmo perseguido pela ditadura, nos anos 1960 e 1970, continuou contribuindo no pensamento de esquerda, através de cursos clandestinos de Filosofia. Pretendo examinar a trajetória do pensamento de Roland Corbisier, destacando não só os condicionantes históricos que marcaram sua trajetória, mas também as bases filosóficas formadoras de seu pensamento, na tentativa de entendê-lo, bem como a sua prática política, fatores que o tornaram uma figura emblemática e instigante no campo de estudos das ideias no Brasil.

Palavras-chave: Trajetória; Biografia; Intelectual.

ABSTRACT

The objective of this work is to reconstruct Roland Corbisier's trajectory, including his intellectual formation and his political activities, from the 1930s when he embraced integralism and was strongly influenced by Catholic social thought until the 1990s when he was still an intellectual In the political life of Brazilian society, writing articles in newspapers and participating in political debates. Even pursued by the dictatorship in the 1960s and 1970s, he continued to contribute to left-wing thinking through clandestine courses in Philosophy. I want to examine the trajectory of Roland Corbisier's thinking, highlighting not only the historical constraints that marked his trajectory, but also the philosophical foundations of his thought, the attempt to understand it, as well as his political practice, factors that have made him An emblematic and instigating figure in the field of studies of ideas in Brazil.

¹ Doutorando em História, Política e Bens Culturais pelo CPDOC/FGV. Mestre em História pela UNIRIO.



Keywords: Trajectory; Biography; Intellectual.

Durante as pesquisas realizadas durante o desenvolvimento da minha dissertação de mestrado em História, entre 2009 e 2011, cuja temática situava-se na análise e atuação do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) - em seu breve, porém instigante e conturbado período de existência de apenas nove anos ²- estudei a trajetória profissional dos intelectuais que fizeram parte do instituto. Entre eles, o itinerário de Roland Corbisier me pareceu bastante interessante: o meio social em que nasceu, sua formação religiosa, política e intelectual, suas escolhas profissionais, sua “guinada” ideológica, a atuação de um intelectual no ambiente político-partidário, já na década de 1960, e também sua trajetória a partir de 1964 – ano em que teve seus direitos políticos cassados e viveu numa espécie de “exílio dentro de seu próprio país”. Sem dúvida apresentava-se um personagem que merecia ser analisado com mais detalhes e com mais profundidade – algo praticamente impossível de conciliar, naquele momento, quando todas as minhas atenções estavam voltadas para o ISEB e seu *modus operandi*.

Tratava-se, portanto, de um projeto adiado, colocado em compasso de espera, mas que crescia de interesse à medida que percebia, através das minhas pesquisas, sua atuação e protagonismo no instituto.

Superada a etapa do mestrado, refleti sobre o tema visando um projeto maior e mais ambicioso, que finalmente encontrou no doutorado a oportunidade de se realizar, dedicando mais tempo e também explorando outras facetas deste personagem. À cada descoberta, um novo viés de análise. Nesse ponto, desenvolver a trajetória de vida de Roland Corbisier permitiu-me deslindar uma variedade de problemáticas: “Qual o significado de Roland Corbisier na vida política e intelectual contemporânea?”; “Qual foi o seu diálogo com a geração dos anos 1950, imbuída de um espírito desenvolvimentista e modernizador do Brasil?”; “Como foi constituída a formação deste intelectual?”; “Qual foi a repercussão de Corbisier como ator político?”; “Quais foram as suas redes de sociabilidades, ao longo de sua trajetória?”; “Como foi possível Corbisier trafegar de uma ideologia de direita – integralista, católica e conservadora – para uma esquerda engajada com o projeto reformista de João Goulart às vésperas do golpe civil-militar de 1964?”; e quais razões explicam o seu processo de marginalização pelo meio acadêmico?”. Essas

² O ISEB funcionou de 1955 a 1964, sendo fechado nos primeiros dias de abril de 1964.



e outras questões apresentaram-se ao longo da maturação deste tema. Um fato que me incentivou na análise deste personagem foi tentar compreender como se construiu uma memória sobre Corbisier, cujos itinerários não foram capazes de formar um consenso. Personagem político? Relegado a um segundo plano pelo meio acadêmico? Quem foi, afinal, Roland Corbisier.

Quando decidi examinar a trajetória política e intelectual de Roland Corbisier, imaginei que esta não deveria ser um fim em si mesma, mas que, de certa forma contribuísse para o avanço das discussões próprias ao conhecimento histórico. Na pesquisa, percebi que Roland Corbisier, embora não aparecesse com destaque no rol das grandes personagens intelectuais e políticas da história do Brasil Republicano - não fazendo parte, portanto, do panteão dos grandes intelectuais popularizados em nossa história -, merecia, por outro lado, um estudo mais aprofundado, não com o objetivo de refazer seu itinerário de modo tradicional - linear, cronológico e destacando suas ações sob aspectos unicamente positivos, tentando imprimir excesso de coerência a uma trajetória de vida - e sim tentando compreender também os diversos temas subjacentes, conceitos e temporalidades da nossa história, acompanhando seu percurso por diversos contextos da história do Brasil ao longo do século XX, e de que maneira o personagem esteve imbricado nas conjunturas históricas.

Roland Corbisier é curiosamente um personagem pouco analisado pela historiografia, não existindo praticamente nenhuma obra sobre ele que tenha uma abordagem mais aprofundada. Naquilo que se conhece sobre Roland Corbisier, há a predominância de textos cujo eixo temporal está situado nos anos 1950 - justamente aquele que é o período de sua mais reconhecida atuação no ISEB. Mas, e antes dos anos 1950? E a partir de 1960? O que foi feito de Roland Corbisier? A sensação é que o personagem permanece prisioneiro numa cápsula do tempo. É como se passasse à história atrelado apenas a uma temporalidade ou acontecimento histórico. O que foi produzido sobre ele foi escrito por profissionais dos campos das Ciências Sociais, Filosofia e principalmente da Educação. A abrangência diz respeito ao intelectual, suas ideias e a noção de nacionalismo e subdesenvolvimento. A maioria dos trabalhos, porém, analisam e refletem a produção do ISEB, estando Corbisier atrelado a essas produções. Mas o que parecia, num primeiro momento, um obstáculo, serviu como motivação na busca por indícios do material



produzido por Corbisier nos períodos praticamente desconhecidos na historiografia e em sua trajetória.

Integralista, católico, conservador, membro da elite paulistana. Muitas são as “peles”, mas pouco se sabe, de fato, quem era este camaleão chamado Roland Corbisier. Como, de fato, começou a escrever e a participar da vida pública brasileira? Como se revelou este intelectual, que viveu intensamente a vida política brasileira durante praticamente todo o século XX?

Primeiramente é necessário compreender as relações de Corbisier com o movimento integralista, datadas a partir da constituição da Sociedade de Estudos Políticos (SEP) – núcleo gerador do integralismo -, em 24 de fevereiro de 1932, na sede do jornal A Razão, em São Paulo.³ Compareceram àquela reunião um grupo de jovens intelectuais paulistas, entre os quais, Cândido da Mota Filho, Mário Graciotti e Ataliba Nogueira, e estudantes da Faculdade de Direito, como Alfredo Buzaid, Rui Arruda, Almeida Sales, e o próprio Roland Corbisier, entre outros.⁴ A SEP, uma vez formada, passou a ser dirigida por um Grupo de Centralização, que congregava diversas seções: propaganda, economia, pedagogia, constitucional e jurídica, higiene e medicina social, geografia e , comunicações, história e sociologia, religião (que tinha San Thiago Dantas como integrante), política internacional, educação física, arte e literatura.⁵

As reuniões do Grupo de Centralização eram periodicamente realizadas na sala de armas do Clube Português, em São Paulo, com diversas tendências debatendo entre si.⁶ Logo predominou uma tendência, majoritária, sob o comando de Plínio Salgado. O grupo de jovens estudantes da Faculdade de Direito seguiu essa tendência, pois compreendiam a SEP como a ante-sala para uma efetiva e imediata militância política. A SEP, era entendida, portanto, como um caminho para ação política, de fato.⁷

³ “Plínio Salgado: o integralismo será a doutrina do século – Reportagem Especial”. Jornal do Brasil, 08/10/1972.

⁴ Idem.

⁵ Idem.

⁶ Idem.

⁷ Idem.



Foi pelos braços do integralismo que Corbisier surgiu pela primeira vez em público, em 1933, num jornal ligado à Ação Integralista Brasileira, apresentado, aos dezenove anos, como uma revelação daqueles tempos:

“Roland de Albuquerque Cavalcante Corbisier” é uma inteligência moça e viva; uma estupenda revelação para a mentalidade moderna. Pelo seu hábito de estudo, será um dos esteios da Ideia Nova que surge radiosa em Terras de Santa Cruz. Folgamos, pois, em publicar o seu belo trabalho. É a voz do Brasil de hoje, do Brasil de amanhã, livre de preconceitos”.⁸

Fora revelado nos debates públicos em 1933, mas a sua “revelação” particular – a reflexão, o advento do espírito, como consciência de si próprio⁹ – se dera antes: surgira ainda criança para Corbisier, durante uma aula de filosofia, na quinta série do curso ginásial no tradicional colégio São Bento, em São Paulo. O ano era 1930, e a “revelação” significaria, a partir daquele momento, a tomada de consciência, não somente após estudar e refletir, mas antes destes, num exercício de introspecção. Nas palavras de Corbisier, “a revelação era perturbadora, vertiginosa, pois subitamente tornava o adolescente de dezesseis anos, não só o ator, mas o espectador da própria existência.”¹⁰

Foi também na escola que Corbisier teve os primeiros contatos com as ideias de Santo Tomás de Aquino, representante da Escolástica medieval, que conciliava a fé com o pensamento racional. Seu primeiro professor de filosofia era tomista e despertara em Corbisier interesse pelo tema.¹¹

Além da paixão pela filosofia – e pelo tomismo¹², em particular -, Roland Corbisier aderira à militância política no Integralismo.

⁸ Roland Corbisier. “Os introvertidos de 91”. “O Século”. 03/09/1933

⁹ CORBISIER, Roland. Autobiografia filosófica. Das ideologias à teoria da práxis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. pp. 35.

¹⁰ Idem.

¹¹ Idem.

¹² Referência ao sistema filosófico de Tommaso d’Aquino (Tomás de Aquino), frade dominicano nascido no castelo de Roccasecca, na Campânia, na região da família feudal dos condes de Aquino, no sul da Itália, em 1225, e se consolidou como um dos maiores expoentes da filosofia cristã, mais especificamente a Escolástica. Estudou artes liberais e entrou para a ordem dominicana, abrindo mão de tudo, com exceção dos estudos de filosofia e ciências. A produção filosófica iniciada a partir do século X começou a ser demarcada com maior precisão sobre novos sentidos e significados para a fé e a razão. O tomismo tem



Seu entusiasmo pelo integralismo não era no singular: juntamente de sua irmã Margarida Cavalcanti de Albuquerque Corbisier, apaixonou-se por aquela ideologia. Ela desenvolvera o mesmo entusiasmo, deixando alguns artigos escritos décadas depois, já em outro momento político no país. Num deles, afirmava que “o integralismo se apresentara como um organismo preparatório, elaborador da grande pátria cristã, que visava à reestruturação da sociedade brasileira sob o alicerce dos princípios imortais do Cristianismo”¹³, princípios “cheios de bom senso, de realismo e profundo equilíbrio, onde repousaria o Movimento Integralista”.¹⁴ Para “Magrite”¹⁵, tanto no Cristianismo, como no Movimento Integralista se inspirariam “o sentido de plenitude e de ordem, de unidade na variedade, simbolizando o Sigma.”¹⁶

Por sua dedicação e defesa das idéias em seus artigos, Corbisier foi indicado para integrar a Câmara dos Quarenta - seção integralista diretamente ligada ao “Chefe” Plínio Salgado. Dentro da estrutura organizacional da Ação Integralista Brasileira, a Câmara dos Quarenta ocupava posição privilegiada, sendo composta apenas por militantes do sexo masculino¹⁷, que se destacavam por seus méritos morais e intelectuais¹⁸. Estava praticamente num mesmo patamar de importância administrativa, comparado ao Conselho Superior da organização.

O namoro com o Integralismo se dera em meio a algumas palestras de Plínio Salgado na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, onde Corbisier iniciou

como princípio um elemento central da obra de Aristóteles: a abstração. Para Aristóteles, todos os homens tendem ao conhecimento, e a prova disso é o amor pelas sensações. Tomás de Aquino, aprofundando seus estudos em torno da lógica, da física e da metafísica, busca, nesses termos, novos sentidos para as teses aristotélicas. O conhecimento racional, para ele, advém dos sentidos, sendo que o intelecto trabalha por meio de abstrações, partido do particular para o universal. De forma que para Aristóteles, a essência seria diferente da existência. Tomás de Aquino revigorou a relação entre essência e existência por meio do problema das relações entre o ente e a essência, forma e matéria de determinadas coisas. Ele produziu uma filosofia centrada nas possibilidades de conciliação entre o sistema filosófico de Aristóteles e as teses cristãs trabalhadas desde a Patrística. Segundo Tomás de Aquino, as coisas precisavam ser criadas por uma instância superior que, segundo ele, seria Deus. Somente em Deus haveria identidade entre essência e existência. Deus seria o próprio existir, seria pleno: nada lhe falta e nada lhe poderia ser atribuído. É eterno, imóvel, a pura perfeição. Deus existiria por si próprio; as coisas existiriam por intermédio dele.

¹³ CORBISIER, Margarida Cavalcanti de Albuquerque. Integralismo e educação do feminino. In: SALGADO, Plínio (Org.). Enciclopédia do integralismo. São Paulo: Clássica Brasileira. 1959. pp. 63-69. Volume IX.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Assim Margarida Corbisier era carinhosamente chamada por Corbisier.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Arquivo Público Histórico e Municipal de Rio Claro, São Paulo

¹⁸ BARBOSA, Jefferson Rodrigues. “A ascensão da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)”. Revista de Iniciação Científica da Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP Marília/SP.



seus estudos no curso de Direito, na companhia de seu amigo Miguel Reale. No início dos anos 1930, o integralismo despontava como uma alternativa ideológica e de poder aos brasileiros, acompanhando a onda de movimentos fascistas e totalitários que explodiam na Europa, resultantes da frustração com o liberalismo econômico, principalmente após o Crash da Bolsa de Nova York, em 1929, que gerou desemprego para milhares de trabalhadores, não somente nos Estados Unidos, mas também os países europeus, e que impactou também a economia brasileira, dependente das exportações de café para estes países e que teve sua compra reduzida drasticamente.

O que estava em jogo era uma crítica aos preceitos liberais da República Velha, em sintonia com o que acontecia no restante do mundo, e a Ação Integralista Brasileira (AIB), criada em outubro de 1932, expressava o sentimento de um fascismo *à brasileira*, de crítica a um passado retrógrado, iniciado justamente com a instauração do regime republicano no Brasil. A Constituição de 1891, criticada por Corbisier, era considerada liberal, inaugurando um período que os integralistas queriam superar. E essa superação não seria acompanhada necessariamente pela democracia, mas com o regime político totalitário necessário para conduzir a nação ao progresso, acompanhado da fé em Deus. Roland Corbisier escreveu em jornais integralistas – ou pelo menos identificados com esse fascismo dos trópicos – ao longo da década de 1930, quando a AIB chegava à impressionante marca de 800 mil militantes associados, e representava, de fato, uma força não só no cenário político nacional, mas também no imaginário de muitos cidadãos brasileiros. A fundação da AIB não seria um fato isolado, nesse contexto político e social, mas uma convergência das diversas correntes de pensamento de direita no Brasil dos anos 1930. Para Helgio Trindade¹⁹, o integralismo seria um movimento de massas, com característica nacionalista, antiliberal e anticomunista, trazido à tona dentro de um contexto de incremento das idéias autoritárias dos anos 1930²⁰.

É na cidade de São Paulo dos anos 1920 que cresceu Roland Corbisier, filho de Gabriel Corbisier - descendente de franceses – e Dulce Cavalcanti de Albuquerque - pertencente à linhagem aristocrática pernambucana²¹, e que fez seus estudos iniciais nos tradicionais

¹⁹ TRINDADE, Helgio. Integralismo, o fascismo brasileiro na década de 30. São Paulo: Difel, 1974.

²⁰ MAIO, Marcos Chor.; CYTRYNOWICZ, Roney. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938) IN: FERREIRA, Jorge.; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Orgs.). O Brasil Republicano. O tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo.

²¹ Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.



colégios São Luís e São Bento, instituições católicas de prestígio, de orientação confessional e tomista, entre 1925 e 1932²².

É possível compreender que os artigos publicados em periódicos ligados ao integralismo constituíam, naquele momento, a base do pensamento de Roland Corbisier, muito devido à sua formação moral e intelectual inserida no catolicismo, desde as primeiras horas da sua infância, pertencente a uma família extremamente católica, e também como resultante de sua contribuição ao Centro de Estudos Jackson Figueiredo. O fascínio pelo pensamento integralista vinha ao encontro da preocupação com a moral e com a religião, adicionando cores nacionalistas aos textos de Corbisier, que se mostrava sempre preocupado com o sentido uno de pátria, integração nacional e contra as influências estrangeiras em nossa cultura nacional. Vale ressaltar que o perigo não morava somente do lado de fora de nossas fronteiras, mas também internamente, com o constante perigo separatista, numa República que ainda não havia completado quarenta anos de idade.

Ao ler e analisar os artigos escritos por Roland Corbisier, é possível constatar que ele escrevia artigos rápidos, que não eram longos, mas que transbordavam seu tom político.

É possível perceber também que intelectuais do movimento integralista brasileiro e da Ação Católica tiveram grande ascendência em sua formação. Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima, representando o pensamento social católico, e Plínio Salgado, representando o integralismo, imprimiram suas marcas sobre o jovem Corbisier, entre os anos 1930 e 1940. Tinham em comum o aspecto de mobilização e crítica ao modelo de modernização pela qual passava o país, e qualquer mudança de curso, nesse sentido, passaria pela educação, além de serem opções políticas e ideológicas que passavam por um espiritualismo renovador. Viam a educação integral como o modelo a ser seguido.

Ao elencarmos as afinidades entre os pensamentos destes três intelectuais e representantes das correntes católicas e integralistas, na formação do pensamento e intelecto de Roland Corbisier, é importante ressaltar que estas ideias não o acometeram em uníssono, tampouco de forma homogênea; pelo contrário, apresentaram-se, em seus artigos e escritos, em diferentes tons, sujeitos aos momentos políticos pelos quais passava

²² CASTANHO, Sérgio. “Roland Corbisier: o intelectual da ‘cultura brasileira’”. IV Congresso Brasileiro de História da Educação. Goiânia, novembro de 2006.



o Brasil. Mas foram, de fato, elementos presentes e constitutivos em sua linguagem e narrativa.

É fundamental compreendermos também que a formação deste personagem como intelectual público já nos anos 1930, mesmo escrevendo sob influência do catolicismo e do integralismo, levam-no a seguir aquilo que Sartre uma vez afirmara, que “o intelectual é alguém que se intromete naquilo que não lhe diz respeito e que pretende contestar o conjunto das verdades existentes e as condutas inspiradas nessas verdades, em nome de uma concepção global do homem e da sociedade”.²³ Ao contestar essas verdades e condutas, Corbisier construirá outras verdades e outras condutas, pelas quais passará a lutar, ao longo de sua trajetória. Não será um mero observador dos acontecimentos, mas um atuante ser político, ao expor suas ideias com o objetivo de transformar a sociedade.

Percebemos em Corbisier a noção de intelectual engajado, no sentido em que ele ultrapassa um status de reflexão para entrar, de fato, na ação política, tanto ao expor suas ideias simpáticas ao integralismo, como também ao propor um debate político onde a religião estivesse presente de forma mais atuante. Ele fez parte da construção de um projeto difuso – diga-se de passagem - de construção de uma nação brasileira, não isolado, mas num ambiente de grande circulação de ideias, numa grande rede de sociabilidades que girava em torno de um ideal de nação. É importante compreendermos então o integralismo e o movimento de restauração católica como espaços de discussão da realidade nacional, onde Corbisier sentiu-se à vontade para expressar suas opiniões, com fortes críticas à República dos “introvertidos de 1891”, ao comunismo insurgente desde 1917 e ao liberalismo que levou o mundo ao caos em 1929.

Portanto, o jovem Roland Corbisier já aparecia como um intelectual público, não em questões meramente regionais, mas nacionais, em suas colunas nos jornais de cunho integralista. Uma das características que percebemos em Roland Corbisier é sua atuação como publicista, escrevendo desde sua juventude, até o fim de sua vida, em jornais e livros, e participando de eventos onde pudesse expressar, didaticamente, seus pontos de vista acerca de questões contemporâneas.

²³ MUELLER, Helena Isabel. “Os ativos intelectuais católicos no Brasil dos anos 1930”. Revista Brasileira de História. São Paulo Jan./Junho 2015. vol.35 no.69



A paixão pelo integralismo durou até o final da Segunda Guerra Mundial, quando os regimes totalitários já haviam deixado a cena, inclusive no Brasil, com a deposição do presidente Getúlio Vargas, em 1945. Tendo enviado cerca de 25 mil expedicionários para lutar nos fronts europeus contra as ditaduras nazifascistas, a permanência do Estado Novo no Brasil tornara-se incoerente.

No processo de redemocratização, que tinha a criação de novos partidos políticos como sua marca característica, Plínio Salgado retornara do exílio para criar o Partido de Representação Popular (PRP), com o objetivo de reformular as teses integralistas e adequar o conceito de democracia à orientação partidária. Salgado convidou Corbisier a ingressar no partido, mas este elegantemente recusara o convite. Ao analisar as entrevistas de Corbisier, bem como seus discursos nos artigos publicados, percebe-se um processual “desencanto” com uma ideologia que já não despertava em si as paixões da juventude. É como se o mundo fosse outro e o discurso autoritário e de extrema-direita já não lhe enchesse os olhos. O integralismo esgotou-se como tema, e como um intelectual público, já acostumado aos grandes debates e contendas, fosse necessário virar a página e seguir adiante em novas questões que fossem sensíveis na sociedade da virada da década de 1930 para 1940. Segundo palavras de Corbisier, anos depois, na ocasião da morte de Plínio Salgado,

“O grave não é ter sido integralista na adolescência, mas continuar a sê-lo na maturidade e na velhice. Porque o fascismo, em qualquer das suas formas, ou disfarces, não passa de uma tentativa de deter a história, impedindo-a de prosseguir na direção do futuro.²⁴

O interesse pelo tomismo começou a se esvaír à medida que Roland Corbisier passou a ter contato com determinados autores, que foram fundamentais para a tomada de decisão de deixar de lado o tomismo.. O escritor russo Fiodor Dostoiévski foi um deles.²⁵ Para Corbisier, a literatura produzida por Dostoiévski não era apenas romance, mas também filosofia – no caso, existencialista. O escritor russo baseava seus textos na ideia da morte de Deus – assassinado pelos homens.

²⁴ “Bonifácio diz que com Plínio morre um grande patriota”. *Jornal do Brasil*. 09/12/1975.

²⁵ CORBISIER, Roland. *Autobiografia Filosófica. Das ideologias à teoria da práxis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.



No início da década de 1940, o filósofo francês Henri Bergson foi outro importante marco biográfico na construção do pensamento de Corbisier, sendo principalmente o responsável por sua separação definitiva do tomismo, identificada, segundo ele, como uma escola filosófica severamente preocupada com o intelectualismo²⁶. A empatia de Corbisier com Bergson foi tanta, que ele lhe dedicou um de seus livros – Responsabilidade das Elites. Foi ainda nessa época que Corbisier iniciou a leitura dos textos de Platão.²⁷

Oswald Spengler, historiador e filósofo alemão também exerceu forte ascendência sobre o pensamento de Roland Corbisier, principalmente após sua leitura do livro “O Declínio do Ocidente” – uma obra que aborda o pessimismo do mundo após a Primeira Guerra Mundial, que resultaria na desintegração das civilizações europeia e estadunidense. É interessante ressaltar que esta publicação algumas décadas depois, serviu de inspiração para intelectuais terceiro-mundistas, identificados com as diretrizes da Conferência de Bandung, realizada na Indonésia, em 1955, vestidos com a capa do nacionalismo, mas que rejeitavam duplamente as influências capitalistas e socialistas.

Fascinado pela Filosofia, Corbisier prestou exames para o vestibular para a Faculdade de Filosofia do Estado de São Paulo em 1942²⁸. Entrou no mesmo ano e passou a ler autores como Ortega y Gasset, Max Scheller, Nietzsche, Kierkegaard, Gabriel Marcel e Heidegger, entre outros. O próprio Corbisier considera os anos 1940 como o auge de seu estado de exaltação intelectual. O grande entusiasta da entrada de Corbisier no curso de Filosofia e também de sua imersão nas obras destes autores foi o filósofo Vicente Ferreira da Silva, que assim como Corbisier, também cursara a Faculdade Nacional de Direito do Largo de São Francisco.

Vicente Ferreira teve posteriormente importante papel na formação do Grupo de Itatiaia – um grupo de intelectuais, formado por paulistas e cariocas, de distintas orientações políticas e ideológicas²⁹ – católicos, antigos integralistas, conservadores e também de posição mais à esquerda – que se reunia numa instalação no Parque de Itatiaia, cedida

²⁶ Idem. pp 38

²⁷ Idem. pp.39

²⁸ Idem pp. 41

²⁹ BARIANI, Edison. “Uma intelligentsia nacional: Grupo de Itatiaia, IBESP e os Cadernos de Nosso Tempo”. Caderno CRH. Salvador, v.18, n.44, pp. 249-256. Maio/Agosto 2005



pelo Ministério da Agricultura, em 1952. O Grupo de Itatiaia impulsionou um novo pensar sobre o Brasil. Vicente liderou o “grupo paulista” – originário do Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF), criado em 1949 pela Reitoria da USP, e da Revista Brasileira de Filosofia que viajava para Itatiaia – justamente situado na metade do caminho entre o Rio de Janeiro e São Paulo. O grupo paulista era formado por intelectuais como Almeida Salles, Ângelo Simões de Arruda, Paulo Edmur de Souza Queiroz, José Luiz de Almeida Nogueira Porto e Miguel Reale, além do próprio Roland Corbisier. Em sua maioria, eram os mesmos que editavam a Revista Colégio. Segundo Edison Bariani, esse grupo era formado majoritariamente por filósofos “distanciados da institucionalização e do ensino filosófico ministrado na Universidade de São Paulo”.³⁰ Em contrapartida, os professores da USP os chamavam de “filósofos municipais”³¹ – num sentido bastante reducionista e crítico de sua atuação, segundo eles, apenas num âmbito regionalizado, sem status.

Em 1949 Corbisier começou a trabalhar como colaborador e redator do jornal O Estado de São Paulo, a convite de Júlio de Mesquita Filho.³² Segundo Corbisier, foi no jornalismo que realmente aprendeu a escrever.³³ Fez amizades com Sergio Milliet, Claudio Abramo e Lívio Xavier.³⁴ Publicava um artigo semanal, que geralmente versava sobre a filosofia existencialista.³⁵

Seu primeiro livro, “Consciência e Nação”³⁶ – uma reunião de seus próprios artigos publicados de fevereiro de 1949 a junho de 1950 no jornal O Estado de São Paulo, no Jornal do Commercio e no suplemento Letras & Artes, do jornal A Manhã, do Rio de Janeiro. Os textos filosóficos estão inscritos num ambiente existencialista, representando uma síntese do pensamento de Corbisier, na virada daquela década. Sem dúvidas, podemos considerar essa obra um de seus marcos biográficos, justamente por retratar um intelectual em trânsito, um filósofo em sua práxis, que já escrevia em jornais para o grande público.

³⁰ Idem.

³¹ Idem.

³² Idem.

³³ Idem.

³⁴ Idem.

³⁵ Os artigos escritos no jornal O Estado de São Paulo compilados e reunidos, em 1950, e editados pela revista Colégio, no livro “Consciência e Nação”.

³⁶ CORBISIER, Roland. Consciência e Nação. São Paulo: Edição da Revista Colégio, 1950.



Um importante acontecimento em 1949 foi a fundação do Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF), por Corbisier e os amigos Vicente Ferreira da Silva, Miguel Reale, Renato Cirell Czerna, Luis Washington Vita, Almeida Salles e Heraldo Barbury.³⁷ O IBF levou adiante a iniciativa de criar o Primeiro Congresso Nacional de Filosofia. Existiam vários projetos circulando em torno do instituto, entre eles, a publicação de um periódico – a Revista Brasileira de Filosofia.³⁸

Em 1951, Corbisier trabalhava como diretor do departamento de Cultura da Universidade de São Paulo e no ano seguinte, fundou em parceria com José Luís de Almeida Nogueira Porto, o Instituto de Sociologia Política (ISP), com o apoio e patrocínio da Federação do Comércio do Estado de São Paulo.³⁹ Corbisier exercia o cargo de diretor do instituto, que contava, como conselheiros os professores Cândido da Mota Filho, José Carlos de Ataliba Nogueira, Theotônio Monteiro de Barros, Dorival Teixeira Vieira, Miguel Reale, Mauro Lopes, Rui Bloem, Garibaldi de Mello Carvalho, Almeida Salles, Paulo Edmur de Souza Queiroz e João de Scatimburgo. Muitos desses nomes eram figuras já conhecidas de Corbisier, que desde as décadas anteriores já integravam suas redes de sociabilidades e vinham participando de diversos projetos levados adiante por Corbisier. Podemos afirmar que compunham um grupo atuante da *intelligentsia* paulistana, ligada à filosofia e disposta em tornar públicas suas iniciativas.

Corbisier continuava a escrever semanalmente no jornal O Estado de São Paulo. Nessa época, continuava a criticar o liberalismo econômico, defendendo a presença maior do Estado na economia, “em nome do interesse coletivo e da justiça social”. Tinha em mente que somente a presença do Estado como árbitro do jogo de interesses.

Se pudéssemos definir uma característica de Roland Corbisier, ao longo de sua trajetória de vida, poderíamos dizer que ele foi um intelectual público. Fez da imprensa e da literatura eficazes instrumentos para fazer ecoar suas idéias e bandeiras políticas. Em distintos momentos, o publicista sempre esteve presente, defendendo com determinação seus pensamentos e concepções políticas.

³⁷ CORBISIER, Roland. Autobiografia Filosófica. Das ideologias à teoria da Práxis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

³⁸ Idem.

³⁹ Idem.



Entretanto, embora estivesse presente o articulador político desde os tempos do integralismo, foi em sua transição de São Paulo para o Rio de Janeiro que o intelectual público esteve mais à flor da pele. Por isso, o ano de 1954 representa o ponto nevrálgico para entendermos o papel que Corbisier desempenhou como político – não aquele ligado a um partido de representação política, mas como analista e debatedor dos principais problemas nacionais, na busca por soluções, com maior ressonância, situado no epicentro político brasileiro – o Distrito Federal. Depois, já exercendo o mandato de deputado federal, em Brasília, o articulista político ocuparia por diversos momentos a tribuna para defender suas idéias.

Em 1954, Corbisier deixaria o cargo de diretor da Divisão de Ação Social da Reitoria da Universidade de São Paulo, transferindo-se para o Rio de Janeiro, onde acabara de fixar residência, rompendo não só laços profissionais, mas também familiares. Passara também a escrever na Tribuna da Imprensa. Sua estréia como articulista se deu em 27 de fevereiro daquele ano, quando externava sua preocupação sobre a questão da cultura nacional, que acabava por impactar na população. Corbisier defendia a participação do Estado na subvenção de editoras que produzissem livros e procurassem “divulgar, em condições mais acessíveis os livros que pela sua natureza não comportam grandes tiragens e não apresentam, por isso mesmo, o interesse comercial que justificaria a sua edição pela iniciativa privada”.⁴⁰ Para Corbisier, exemplos não faltariam: o “Fundo de Cultura”, do Colégio de México – auxiliada pelo governo mexicano -, que traduzia e publicava as grandes obras do pensamento europeu – de Karl Marx a Werner Sombart, passando por Johan Huizinga e Martin Heidegger - e também a Revista de Ocidente, uma publicação cultural e científica, fundada em 1923 pelo filósofo Ortega y Gasset, na Espanha. Segundo Corbisier, “nos países como os nossos, a tarefa de formação das elites é tão ou mais urgente que a de alfabetização do povo. Pois não basta saber ler, o importante é saber o que se deve ler.”⁴¹

O engajamento de Corbisier na questão dos grandes temas nacionais não aconteceu de forma repentina, mas começou a ser gestado já no integralismo, ainda nos anos 1930, quando participava do movimento nas fileiras da Câmara dos Quarenta. E ao longo da

⁴⁰ “Fundo de Cultura”. Tribuna da Imprensa, 27/02/1954. pp 3.

⁴¹ Idem.



década de 1940 publicava artigos pontuais sobre filosofia – com a temática de discussão dos problemas de nossa realidade brasileira - no jornal O Estado de São Paulo. O intelectual público já trilhava um caminho de participação e engajamento político.

Em 1954 o cenário político brasileiro encontrava-se num momento bastante conturbado. Em agosto, o presidente Getúlio Vargas suicidara-se com um tiro no peito, e seu vice-presidente, João Café Filho, assumira a Presidência com um discurso de conciliação, congregando em seu governo, as principais forças de oposição a Vargas e ao trabalhismo. As eleições presidenciais estavam marcadas para outubro do ano seguinte e caberia a Café Filho conduzir o processo político, de transição, rumo ao pleito eleitoral que definiria o novo presidente da República.

Na ocasião, ele não desempenhava nenhum envolvimento político-partidário. Conhecera Juscelino Kubitschek, político mineiro e governador de Minas Gerais pelo Partido Social Democrático (PSD) através do poeta Augusto Frederico Schmidt, amigo em comum de ambos, na casa do engenheiro Israel Klabin. O objetivo da reunião era apresentar Juscelino a um grupo de intelectuais – paulistas e cariocas - que vinha se reunindo periodicamente na cidade fluminense de Itatiaia para discutir as principais questões nacionais e que haviam fundado o Instituto Brasileiro de Sociologia e Política (IBESP), no Rio de Janeiro. Aquele grupo de intelectuais deveria assessorar Juscelino durante - e depois – de sua campanha eleitoral, rumo à Presidência da República. Corbisier conhecia vagamente o candidato mineiro, mas simpatizara com suas propostas.

O ano de 1954 fora bastante emblemático para Corbisier. Já definitivamente instalado no Rio de Janeiro, fora nomeado pelo ministro da Educação, Cândido Motta Filho, secretário-geral da Assistência Técnica de Educação e Cultura (ATEC)⁴² do MEC, do governo Vargas.

Em seu discurso de posse na ATEC, proferido em setembro de 1954, Corbisier abordava um tema que lhe era bastante caro, naquele momento: a questão do desenvolvimento de uma política cultural, que segundo ele, faltava ao Ministério da Educação:

⁴² A ATEC era formada por um grupo de pensadores reunidos para analisar a situação da educação e cultura no Brasil, sugerindo ações a serem implementadas nessas áreas, fiscalizar a atuação e os projetos do Ministério da Educação e Cultura, além de servir como órgão consultivo para o ministro titular da pasta e o Congresso.



“(…) Não me parece ser outra a significação da Assistência Técnica de Educação e Cultura. Ao deixar de ser de Saúde para tornar-se também de Cultura, o Ministério da Educação assumiu encargos para o desempenho dos quais não se achava totalmente aparelhado, pois embora já existissem , subordinados a ele, institutos e serviços de difusão cultural, como o teatro, o rádio, o cinema, as bibliotecas e os museus, não dispunha essa Secretaria de Estado, dos órgãos adequados e correspondentes aos que já existem no setor da Educação, como o Conselho e o Departamento Nacional de Educação, que lhe permitissem articular e unificar a sua política no setor cultural.”⁴³

Esse discurso de Corbisier vem ao encontro da idéia de hemiplegia do Ministério da Educação⁴⁴, pois não havia no setor da Cultura, órgãos simétricos aos existentes na Educação.

E finalizou seu discurso mostrando qual seria a função da ATEC, no seu entendimento:

“Criada em gestão anterior, a ATEC nos parece resultar desse projeto e atender a essa necessidade de racionalização, a fim de disciplinar o esforço comum e obter melhor rendimento dos recursos técnicos, materiais e humanos com que podemos contar. Além da função (sic) acessorial, de órgão consultivo, que permite ao Ministério de valer-se da colaboração dos nomes mais ilustres da inteligência e da cultura brasileira, desempenha também a ATEC o encargo de coordenação e o de planejamento, procurando não só articular e unificar os serviços existentes como promover a criação dos órgãos indispensáveis ao funcionamento do Ministério no setor da Cultura”.⁴⁵

Um período pouco mencionado quando se aborda a trajetória biográfica de Roland Corbisier, mas que merece uma atenção especial foi o seu engajamento num projeto político-partidário, de características nacionalistas, na década de 1950, que representou a migração da sua personalidade, de intelectual acadêmico para um intelectual público. Em dezembro de 1954, Roland Corbisier comandaria uma série de programas diários na Rádio Mayrink Veiga, no Distrito Federal. O Brasil respirava um ambiente de sucessão presidencial, logo após a lacuna deixada pelo desaparecimento de Getúlio Vargas do

⁴³ CORBISIER, Roland. Autobiografia Filosófica. Das ideologias à teoria da Práxis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

⁴⁴ MANOEL, Ivan Aparecido; VALE, Antonio Marques do. “Roland Corbisier, intelectual da cultura no ISEB e no MEC hemiplégico, nas décadas de 1950 e 1960”. IV Congresso Brasileiro de História da Educação. 2006.

⁴⁵ CORBISIER, Roland. Autobiografia Filosófica. Das ideologias à teoria da Práxis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.



poder. Percebe-se o engajamento de Corbisier num projeto político-partidário, de características nacionalistas, ou seja, um intelectual público que participa de programas de rádio e discute abertamente os problemas nacionais, apoiando os projetos políticos do então governador de Minas Gerais, candidato pelo PSD à Presidência da República. Como constatou Pascal Ory, o intelectual seria o homem do cultural colocado em situação de homem do político.⁴⁶

Em “JK e a luta pela Presidência: uma campanha civilista”⁴⁷, Corbisier condensa esses programas de debates. A obra também pode ser considerada um instrumento de luta política, em que percebemos a atuação de Corbisier como um entusiasta da campanha de JK.

O programa, que teve início em 20 de dezembro de 1954, ficou no ar até o dia 02 de junho de 1955, e tinha como objetivo discutir o cenário político brasileiro naquele momento, comentar o dia a dia dos (potenciais) candidatos à Presidência da República, além de avaliar suas propostas e contradições no período que antecedia as eleições presidenciais em 1955. Os programas assumiam uma posição notadamente legalista e principalmente de defesa à candidatura de Juscelino Kubitschek – candidato da legalidade e da ordem constitucional - nas eleições daquele ano. A série de programas fora iniciada em meio a um clima carregado de ameaças, intimidações e boatos.

Corbisier vivenciara de perto os acontecimentos que antecederam a morte de Vargas. Estivera na casa do vice-presidente da República, Café Filho, na madrugada de 24 de agosto de 1954, levado por seu amigo Mário Pedrosa. Observara políticos e militares opositores ao governo. Seu engajamento na luta sucessória se dera, portanto, diante do suicídio do presidente e à mudança no cenário político do país. Para ele, a luta contra Vargas seria a mesma luta que se travaria contra Juscelino Kubitschek. Em suas memórias, décadas depois, seriam as mesmas forças que golpeariam a democracia em 1964.

Juscelino fora indicado, pelo diretório regional do PSD, à Convenção Nacional do partido. Era, portanto, candidato a candidato. Mas essa simples indicação já mobilizava

⁴⁶ ORY, Pascal. *Dernières questions aux intellectuels*. Paris: Olivier Orban, 1990. p. 24.

⁴⁷CORBISIER, Roland. *JK e a luta pela presidência – uma campanha civilista*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.



adversários políticos – os mesmos, segundo Corbisier, que tramaram a renúncia e impeachment de Vargas, naquele ano.

Em seu primeiro programa de rádio, apresentou aos ouvintes qual seria a linha de conduta dos programas, defendendo o sentido da campanha de Juscelino à Presidência da República. Discutiu o lançamento de sua candidatura, que ia de encontro ao desejo de determinadas forças políticas, que defendiam uma candidatura única, de conciliação, de união nacional – desejo compartilhado também pelo presidente Café Filho.

Os programas de rádio, mais do que constituírem uma plataforma que ecoasse sua voz, em defesa da legalidade do processo eleitoral, deixam transparecer a participação de um intelectual na política. Decerto que Corbisier tivera contato anteriormente com a política, quando brevemente pertencera às hostes integralistas, mas a vivência com a política partidária, que os programas de rádio proporcionaram, era até então fato inédito em sua vida. Nos anos 1950, se desenvolveria a consciência nacionalista em Roland Corbisier, que o acompanharia nos próximos anos, à frente do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e depois como parlamentar do PTB.

Podemos dizer que a experiência de Roland Corbisier no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) começou a ser gestada bem antes da criação do próprio instituto. Quando veio morar no Rio de Janeiro, em 1954, Corbisier, já frequentava as reuniões no Grupo de Itatiaia – encontros entre intelectuais do Rio e de São Paulo, na cidade de Itatiaia – justamente na metade do caminho entre as duas cidades. O Grupo de Itatiaia começara a se reunir após o retorno de Getúlio Vargas à Presidência da República, e fundara o Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política (IBESP). Nas reuniões, as discussões eram travadas no sentido de se pensar sobre as grandes questões nacionais. O grupo editava esporadicamente a Revista Cadernos do Nosso Tempo, que era financiada por “assinaturas de apoio” – que custavam Cr\$ 500 (quinhentos cruzeiros) – e “assinaturas de ajuda” – que custavam Cr\$ 2.000 (dois mil cruzeiros). A revista também recebia ajuda do Instituto Brasileiro de Estudos Pedagógicos.

Corbisier afirmava que depois da experiência do IBESP, aqueles intelectuais chegaram a pensar em fundar uma espécie de College de France e Colegio de Mexico, mas as



propostas não prosperaram.⁴⁸ Também cogitaram criar um Instituto de Estudos Latino-americanos, mas a ideia também não vingou porque o Itamaraty vetou.⁴⁹ Somente com a ascensão de Cândido da Motta Filho no Ministério da Educação é que Hélio Jaguaribe, Álvaro Vieira Pinto e Corbisier, entre outros, encontrou uma brecha para se aproximarem do ministro, que solicitou ao grupo que criasse o “Instituto Brasileiro de Paz”.⁵⁰ “O primeiro projeto sobre o ISEB foi elaborado por Hélio Cabal, que era casado com a filha de um senador da Bahia, mas estava muito ruim, aliás, ele não tinha capacidade para redigir um projeto.”⁵¹ O projeto foi repassado a Hélio Jaguaribe, que contou com a ajuda do próprio Corbisier para redigir o projeto.

O ISEB foi a oportunidade encontrada para que Corbisier e os demais intelectuais do Grupo de Itatiaia e do IBESP pudessem concretizar suas ideias. É como se saíssem do plano meramente metafísico e agissem num sentido de intervenção, disseminando um projeto de pensamento nacional-desenvolvimentista para os alunos do instituto. Em outras palavras, o ISEB serviu como metodologia para que aquele grupo de intelectuais colocassem suas ideias no lugar.

No ISEB, Corbisier exerceu o cargo de diretor do instituto – o único cargo remunerado. Entrou no instituto a convite de Álvaro Vieira Pinto. Não apenas dirigiu o instituto, como também era o responsável pelos cursos de Filosofia. Era bastante atuante, nas aulas e nos discursos proferidos nas aulas inaugurais e nas formaturas das turmas. Na solenidade de formatura da turma de estagiários da “Turma Tiradentes” do ISEB de 1958, cujo paraninfo era o ministro dos Negócios da Educação e Cultura, Clóvis Salgado, fez um relatório das principais atividades do ISEB naquele ano, não sem citar suas preocupações com alguns problemas que estavam lhe preocupando, em um tom de autocrítica.⁵²

Segundo Corbisier, o ISEB estava longe de ter alcançado todos os seus objetivos, de ser um ISEB ideal, um ISEB platônico. E aproveitando o momento pelo qual o ISEB sofria intensa campanha em alguns veículos de comunicação, Corbisier esclarecia que o

⁴⁸ Entrevista de Roland Corbisier. Rio de Janeiro, 01/10/1970. Arquivo de Alzira Alves de Abreu.

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ Idem.

⁵¹ Idem.

⁵² Entrevista de Roland Corbisier a Alzira Alves de Abreu. 01/10/1970.



instituto não era uma seita religiosa ou partido político, mas que também não era uma instituição de ensino “nos moldes acadêmicos e tradicionais”.⁵³

Corbisier fazia questão de ressaltar o ineditismo do ISEB na vida cultural brasileira. Para ele, as disciplinas estudadas no instituto não serviriam apenas para constar no currículo dos alunos, mas com um objetivo maior: serem utilizadas como instrumentos que servissem não para realizar tarefas teóricas, mas sim colocar em prática, em ação.⁵⁴

Corbisier, afastara-se completamente do ISEB, muito por conta de um desentendimento pessoal com Vieira Pinto. Só retornou quando da aproximação do instituto com a Frente Parlamentar Nacionalista (FPN), da qual o ISEB tornara-se sede. Os deputados da FPN reuniam-se na sede da Rua das Palmeiras, havendo um entrosamento entre seus integrantes. Segundo Corbisier, muitos dos projetos de Sérgio Magalhães, um dos fundadores da Frente⁵⁵. Reuniões periódicas aconteciam no instituto, com a presença de Almino Afonso, José Jofilly e o próprio Magalhães. O ISEB ajudava também na articulação desse grupo com lideranças estudantis, parlamentares e até militares.⁵⁶

Roland Corbisier foi marcadamente diretor do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e dali foi um passo para se tornar essencialmente um político nato, atuando primeiramente como deputado estadual na Guanabara e a partir de 1962, como deputado federal em Brasília, tendo destacada atuação na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara. Através das pesquisas feitas em jornais da época, podemos perceber a atuação de Corbisier em debates públicos – na maioria das vezes polêmicos, com Carlos Lacerda e Sandra Cavalcanti, entre outros.

A virada para os anos 1950, coincidindo com a chegada de Roland Corbisier ao Rio de Janeiro apresentou-se a ele como um campo de possibilidades, tanto para a formulação, como também para a implementação de seus projetos individuais – e coletivos. Segundo Gilberto Velho, “os projetos, como as pessoas, mudam. Ou as pessoas mudam por meio de seus projetos. A transformação individual se dá ao longo do tempo e

⁵³ Idem.

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ Idem.



contextualmente”.⁵⁷ Corbisier modificou-se gradativamente – não sem tensões particulares – e esse não foi um processo linear, coerente e orientado, como bem assinalou Pierre Bourdieu⁵⁸. É possível então, analisar, através de seus itinerários, compreender a formação de uma intelectualidade de esquerda nos anos 1950 e suas vinculações com projetos nacionalistas. Se a experiência do ISEB é um claro exemplo da formação de uma base intelectual de esquerda compromissada com projetos nacionalistas no governo de Juscelino Kubitschek, sua inserção no espaço político-partidário em torno da candidatura de “JK” à Presidência também permite a compreensão de como Corbisier se coloca diante do efervescente debate público travado entre as diversas correntes ideológicas e partidárias naquelas eleições.

Em 1960, ano da disputa presidencial entre Jânio Quadros e o marechal Henrique Lott, o ISEB passou por outra crise. Corbisier também se candidatou a deputado estadual na Guanabara, pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Foram eleitos trinta deputados estaduais e Corbisier alcançou a 15ª posição entre os mais votados, com 9.543 votos⁵⁹.

Em 7 de outubro de 1962 foram realizadas as eleições legislativas. Corbisier, que não tentara a reeleição para a Assembléia Legislativa da Guanabara, candidatara-se a deputado federal, novamente pelo PTB da Guanabara, que numa composição com o Partido Socialista Brasileiro (PSB), criaram a Aliança Social Trabalhista. O grande campeão de votos, naquele ano fora Leonel Brizola, ex-governador do Rio Grande do Sul, com 269.384 votos. Também foram eleitos, pela Aliança Social Trabalhista, Sérgio Magalhães, Elói Dutra, Antônio Garcia Filho, Waldir Melo Simões, Benjamin Farah, Breno Silveira, Max José da Costa Santos, Rubens Berardo Carneiro da Cunha, Jamil Amiden e Benedito Cerqueira. A Aliança Social Trabalhista tivera, no total 428.979 votos⁶⁰. Roland Corbisier obtivera apenas 2.914 votos⁶¹, o que lhe garantia a primeira

⁵⁷ VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

⁵⁸ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

⁵⁹ Fonte: Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro.

⁶⁰ LOPES, Guilherme Esteves Galvão. “As eleições de 1962 na Guanabara: a consolidação de Brizola no cenário político nacional”. Monografia do curso de graduação em História. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

⁶¹ Eleições Pós-1945. Disponível em www.eleicoespos1945.com. Acesso em 17 de julho de 2012.



suplência, em caso da desistência ou impossibilidade de algum outro deputado eleito não assumir.

Foi o que acabou acontecendo, diante de um pedido de licença de Leonel Brizola para uma viagem ao exterior. Em 29 de julho de 1963, Corbisier foi diplomado como primeiro suplente de deputado federal, em documento assinado pelo desembargador Oscar Tenório, presidente do Tribunal Regional Eleitoral⁶². Corbisier ficou habilitado para a posse como deputado federal. A posse definitiva aconteceu em 13 de agosto daquele ano, em decorrência da licença de Leonel Brizola, deputado federal eleito, ter ultrapassado o prazo de noventa dias⁶³.

Em 21 de agosto de 1963, Roland Corbisier, no mesmo dia em que Guerreiro Ramos, seu antigo colega no ISEB era empossado deputado federal, na vaga de Rubem Berardo (PTB-GB) – cujo prazo de licença também expirara após noventa dias - estreava na tribuna da Câmara dos Deputados, em Brasília, com um discurso em defesa das reformas de base. Corbisier apresentou ainda um projeto de lei determinando que o “quantum” das sentenças trabalhistas fosse reajustado na execução, de acordo com os índices de elevação do custo de vida⁶⁴.

Corbisier se mostraria um parlamentar não apenas polêmico, mas também bastante atuante na vida política em Brasília. Em 18 de setembro de 1963, apresentou um projeto de lei acrescentando parágrafos no artigo 535 da Consolidação das Leis do Trabalho, com o objetivo de legalizar o Comando Geral dos Trabalhadores.⁶⁵

A fase posterior ao golpe civil-militar de 1964 possivelmente corresponde ao período mais obscuro de informações na literatura encontrada sobre nosso personagem. Nos anos imediatamente que se seguiram à chegada dos militares ao poder, Roland Corbisier era deputado federal pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), ligado à Frente Parlamentar Nacionalista (FPN), sendo bastante atuante na defesa das reformas de base e crítico do cenário político nacional, mesmo quando já estava instalada a crise institucional. Além disso, embora não estivesse mais à frente do ISEB, sua imagem ainda estava muito ligada

⁶² “Diplomado Corbisier”. O Globo. 29/07/1963.

⁶³ O Globo. 14/08/1963.

⁶⁴ O Globo. 22/08/1963.

⁶⁵ O Globo. 19/09/1963



ao instituto, que foi fechado pelos militares nos primeiros dias de abril daquele ano. Corbisier foi o 13º parlamentar na primeira lista de cassações de mandatos eletivos e suspensão de direitos políticos, que constava no Ato Institucional Nº 1⁶⁶, sob a responsabilidade do Comando Supremo da Revolução, constituído do general Artur da Costa e Silva, almirante Augusto Rademaker e brigadeiro Corrêa de Melo, sendo, portanto, considerado um alvo na mira do regime de exceção.

Logo após o golpe civil-militar, em 1964, Corbisier vivenciou uma espécie de exílio doméstico, dentro do próprio Brasil. Embora tudo nos levasse a crer que ele cairia no ostracismo, não foi exatamente isso que aconteceu. No alvorecer do novo regime político, foi convidado pelo editor Ênio Silveira para colaborar com a revista *Civilização Brasileira*, que cumpria, naquele momento, um papel-chave no processo de reorganização das esquerdas brasileiras, que passavam por um processo de turbulência depois que os militares ocuparam o poder. A publicação também era agregadora de opiniões de cunho esquerdista, com um viés de discussão intelectual, principalmente no campo da cultura. A Revista *Civilização Brasileira* era um instrumento político, de resistência, contra o novo regime constituído. Um espaço público para discussões e articulações das esquerdas.

Após sua passagem pela Revista *Civilização Brasileira*, Corbisier passou a elaborar cursos de formação filosófica, para pequenos grupos de alunos. A novelista Gloria Perez foi uma das alunas de Corbisier⁶⁷.

No dia 3 de abril de 1970, o escritor Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde) e o general Olímpio Mourão Filho prestaram depoimento como testemunhas de defesa de Roland Corbisier, processado na 2ª Auditoria da 1ª Região Militar⁶⁸. Ele fora indiciado no IPM do PCB. Na ocasião, Alceu Amoroso Lima dissera ter conhecido Corbisier entre os anos de 1940 e 1942, durante um congresso eucarístico, na mesma época em que Corbisier era integralista e pertencia à Câmara dos Quarenta. Testemunhou também informando não ter conhecimento de atividades de Corbisier junto ao Partido Comunista: “Seria ilógico, absurdo e contraditório em si que o acusado, tendo pertencido à extinta

⁶⁶ “Balanço do expurgo excluiu 441 civis e militares da vida pública”. *Correio da Manhã*, 18/06/1964.

⁶⁷ Depoimento da escritora e novelista Gloria Perez dado a mim, no ano de 2014.

⁶⁸ “General Mourão Filho e Alceu Amoroso Lima depõem em defesa de Corbisier”. *Jornal do Brasil*, 03/04/1970.



Ação Integralista Brasileira, viesse a participar ou professar ideologicamente a doutrina comunista”.⁶⁹

Já o general Olímpio Mourão Filho, afirmara, em seu depoimento, que conhecia Corbisier de longa data, mais precisamente desde o ano de 1934, acompanhando, “em termos”, sua vida pública⁷⁰. Certamente o general falava de sua amizade com Corbisier durante o período em que ambos estavam no integralismo. Para ele, era surpreendente a acusação de que Corbisier era filiado ao PCB, pois “pertencia à nata filosófica do integralismo, e como tal, conhecia a fundo a dialética marxista, sendo um profundo estudioso da doutrina, das suas flagrantes contradições com os postulados integralistas”.⁷¹ O general considerava inviável, por essas razões, que Corbisier “professasse o comunismo.”⁷²

Corria o ano de 1975 e era possível ler anúncios dos cursos de Filosofia da Arte, ministrados por Corbisier, numa casa na rua Alice, no bairro de Laranjeiras, no Rio de Janeiro, como parte integrante dos Seminários Pro-Arte. O curso era dividido nos seguintes módulos: 1) O que é Filosofia da Arte; 2) Pensamento estético cristão, grego e moderno; 3) Arte e Sociedade, Arte e Política, e A Estética e a ética do futuro. É importante destacar que os cursos passaram também a ocorrer em outras localidades, como na própria sede da Associação Brasileira de Imprensa, a partir de 1978, graças a influência de Corbisier na instituição – fora sócio da associação desde 1974, sendo posteriormente conselheiro de 1992 a 2000.

No início da década de 1990, Corbisier tornara-se colaborador fixo do Caderno Idéias, ao mesmo tempo em que começara a dar aulas de Filosofia no curso de mestrado em Ciência Política da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Também ministrava o curso “Introdução à Dialética”, no Clube de Engenharia, além de encontrar tempo para escrever a obra “Introdução à Filosofia” (estava na metade do quarto volume, dos sete programados).⁷³ Em breve começaria o curso de Introdução histórica ao

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ Idem.

⁷¹ Idem.

⁷² Idem.

⁷³ No primeiro tomo, Corbisier aborda a Problemática sobre a Introdução da Filosofia, onde conclui que a filosofia é a sua própria história. No segundo tomo procura contar essa história. Já estavam publicados os volumes sobre a filosofia grega e sobre o pensamento cristão e renascentista. Nos volumes que viriam a seguir, ele pretendia abordar questões sobre o racionalismo cartesiano, empirismo inglês e o idealismo alemão – as três principais correntes da filosofia moderna. Segundo ele, era importante, à luz da filosofia,



pensamento político – uma série de conferências sobre o pensamento filosófico de Platão até a contemporaneidade. Corbisier pretendia fornecer embasamento teórico, indispensável a uma reflexão crítica acerca das transformações do Socialismo no mundo.⁷⁴

Embora considerasse muito difícil conciliar a militância com a vida intelectual e a elaboração de suas obras, Roland Corbisier fez três tentativas de retorno à política partidária. Todas três foram malogradas por motivos diferentes.

A primeira tentativa ocorrera ainda no MDB. Com o apoio dos senadores do partido, Nelson Carneiro e Saturnino Braga, dos Diretórios Municipais na Região dos Lagos, de vários sindicatos e associações de classe, chegara a ser candidato a candidato ao Senado naquela legenda. Faltara dinheiro, mas isso não inviabilizaria a candidatura, já que, se nas eleições proporcionais todos lutariam contra todos, nas eleições majoritárias todos se uniriam para eleger os candidatos dos partidos.

Mas a fusão do MDB com o PP fez com que os dois principais entusiastas de sua candidatura, deixassem o partido.⁷⁵ Outros treze deputados federais também deixaram o partido. Aquele fora um alto preço pago pelo MDB e Corbisier, também contrário à fusão, também decidira deixar o partido, sem, no entanto, filiar a nenhum outro partido naquele momento.

O PDT bem que tentara convencê-lo a filiar-se na legenda. Emissários eram enviados até ele, tentando sensibilizá-lo da conveniência de sua adesão. Até mesmo Leonel Brizola lhe telefonara, querendo marcar um encontro para que conversassem. Mas as críticas que o próprio Corbisier lhe fizera, tanto nos artigos escritos na Tribuna da Imprensa, como também no prefácio da obra *Intelectuais e a Revolução* fizeram-no declinar de qualquer tentativa de entendimento com o líder do PDT. As restrições de Corbisier ao comportamento político de Brizola falaram mais alto. Ele entendia que não se sentiria à vontade no partido. Inclusive achava que poderia ser eleito, caso se filiasse ao PDT, na esteira da popularidade de Brizola.

procurar interpretar e compreender o mundo em que vivemos, porque essa interpretação seria indispensável para a transformação desse mundo.

⁷⁴ Jornal do Brasil, 18/02/1990.

⁷⁵ Nelson Carneiro fora para o PTB e Saturnino Braga filiar-se ao PDT.



Algum tempo depois, a nova tentativa de retorno à política partidária, com a fundação de um Partido Socialista – que também poderia se chamar Partido Brasileiro - com o amigo Sebastião Nery e um grupo de amigos. A proposta não tivera seguimento, sendo criado o Partido Socialista Brasileiro, sem sua participação. Nery então tomara a decisão de criar o Partido Socialista (PS). Corbisier fora um dos fundadores do partido, sendo eleito vice-presidente na reunião do diretório nacional. Foram muitas as reuniões, chegando Corbisier até mesmo ir a São Paulo para fundar a seção regional do partido naquele Estado. Mas o apoio do diretório nacional e regional a Rubem Medina, candidato do Partido da Frente Liberal (PFL) à Prefeitura do Rio de Janeiro, na eleição de 1985⁷⁶ o levou a deixar o partido. Para Corbisier, o apoio do PS a Medina era totalmente contraditório.

Corbisier permanecera, por algum tempo, à margem dos partidos políticos, sem, no entanto, deixar de participar ativamente da política através de seus artigos, cursos de extensão e lançamentos de livros. Mas recebera do amigo Heber Maranhão o convite para uma reunião em sua casa, onde estavam presentes, além do anfitrião, o presidente do Partido da Mobilização Nacional (PMN), ex-deputado federal Celso Brant, e o secretário-geral do diretório nacional do partido, também ex-deputado federal, Paulo Carvalho. Convidaram-no formalmente para ingressar no partido. Na mesma reunião, diante da situação política estadual, fizeram várias conjecturas, se o partido deveria ter candidatura própria ao governo do Estado, ou se deveria apoiar o candidato de outro partido. Mas a reunião guardava-lhe outra surpresa: o convite também fora feito para que o próprio Corbisier concorresse na eleição para governador. Convite aceito por ele.

Roland Corbisier animara-se com a proposta e sugerira que a candidatura fosse logo anunciada na imprensa, de forma que fosse criado um fato político, que possibilitasse a aglutinação de diversas forças de esquerda em torno do seu nome e da plataforma de governo. Sucederam-se reuniões, encontros e debates, mas nada da candidatura ser oficialmente apresentada. Como já citado ao longo desse capítulo, corria a notícia nos bastidores, inclusive publicada em pequenas notas jornalísticas, em colunas políticas. Mas na realidade, nada fora anunciado.

⁷⁶ Sebastião Nery, fundador do Partido Socialista, compôs a chapa com Medina, concorrendo como vice-prefeito do candidato do PFL.



Corbisier conhecia Celso Brant há algum tempo, e sempre imaginara que o político mineiro fosse de esquerda. Mas surpreendera-se negativamente com o amigo, ao ler um texto de sua autoria, onde o mesmo deixava transparecer seu anticomunismo e antimarxismo. Ali definia-se sua terceira frustração com a política partidária.

Através da leitura de suas memórias e artigos, especialmente no que foi escrito sobre o episódio envolvendo sua participação política no PMN, na eleição estadual em 1986, chega-se a conclusão de que Roland Corbisier muito refletira sobre o preço que deveria pagar ao insistir na candidatura ao governo, por aquela legenda. Embora considerasse atraente a possibilidade de “fazer campanha política” – e, com isso, ter acesso ao rádio e a televisão, podendo expor sua ideologia e pontos de vista políticos, dizendo a um número muito maior de pessoas o que já vinha dizendo às que frequentavam suas aulas ou liam seus artigos nos jornais –, por outro lado era difícil, em sua consciência, fazer campanha eleitoral num partido cujo líder era, no seu entender, reacionário e de direita. Optara, mais uma vez, por deixar uma legenda política por questões de princípios.

Mas em suas memórias, ele não se incriminaria pelas três frustrações. Para ele, aquele seria um sinal de que a política partidária não era um caminho a ser tomado. Inclusive porque, mesmo que se elegeisse, não teria espaço para implementar seus propósitos políticos: - “Que poderia fazer um socialista, na Prefeitura ou no Governo do Estado, se o país é capitalista, e se não há solução dos seus problemas a não ser na revolução socialista?” Para ele, revolução e a teoria do movimento revolucionário eram coisas indissociáveis.

A experiência frustrada no PMN contribuiu para que Roland Corbisier consolidasse a convicção de que os intelectuais de esquerda, mesmo sem militar nos partidos políticos, estariam fazendo política, no melhor sentido da palavra, através dos livros, dos artigos nos jornais e das conferências. Essas seriam as melhores formas de se criar uma consciência revolucionária, sem a qual entendia que não poderia haver revolução.

Por influência de Ana Corbisier, sua filha mais velha e fundadora do PT em São Paulo, e de Apolônio de Carvalho, ainda filiara-se ao Partido dos Trabalhadores. Fora apresentado a Lula, num encontro em São Paulo e chegara a participar de várias reuniões do partido



na companhia de Apolônio de Carvalho. Entretanto, problemas de ordem pessoal acabaram levando-lhe a renunciar ao projeto de ingressar no PT.⁷⁷

Em 17 de janeiro de 1992, Roland Corbisier e Alexandre Zhebit, cônsul da Federação Russa participaram do programa “Encontro com a Imprensa”, na Rádio Jornal do Brasil. O tema do programa era sobre a crise na Rússia depois de Gorbachev.⁷⁸ Em suas primeiras palavras, Corbisier atacava o cônsul russo:

“O que está acontecendo no Leste Europeu nos preocupa a todos. Não era previsível. Eu já escrevi vários artigos sobre os 70 anos da Revolução, artigos sobre Gorbachev... artigos de pouca ressonância, sem nenhuma manifestação, ou da Embaixada russa ou do Consulado. Li a Perestroika, do Sr. Gorbachev, da primeira a última linha. A tradução é muito ruim, de um senhor chamado ‘A, não sei o que, uma inicial e Alexandre’. Ele sabe russo mas sabe mal português. A tradução é muito ruim, está anotada, toda corrigida...”⁷⁹

Corbisier referia-se ao próprio cônsul, presente no programa, causando constrangimento a todos os presentes. Tal fato fez com que no dia seguinte, 18 de janeiro, recebesse uma ligação da secretária de redação do Jornal do Brasil, deixado gravado na secretária eletrônica de sua residência:

“Tendo em vista as palavras do senhor na Rádio JB sobre Cuba, a direção da empresa decidiu suspender provisoriamente a sua colaboração no JB. O sistema de rodizio que está sendo implantado dará ao senhor oportunidade de publicar seus artigos em dias incertos mais adiante. O seu artigo, que seria publicado na segunda-feira próxima, foi cancelado. Obrigada, boa tarde e bom final de semana.”⁸⁰

Dois dias após a participação de Corbisier no programa de rádio, o colunista Zózimo Barrozo do Amaral publicara uma provocação a ele, em sua coluna social: “O Sr. Roland Corbisier é a nova Bela Adormecida. Adormeceu na década de 50 e só acordou agora. Com um beijo de Fidel Castro.”⁸¹

⁷⁷ “Motivos de esperança – II”. Tribuna da Imprensa, 10/12/1988. pp.4.

⁷⁸ Jornal do Brasil, 17/01/1992. pp.6.

⁷⁹ Programa “Encontro com a Imprensa”. Rádio Jornal do Brasil. 17/01/1992.

⁸⁰ Gravação cedida pela família de Roland Corbisier. Arquivo pessoal de Fabrício Augusto Souza Gomes.

⁸¹ Jornal do Brasil, 19/01/1992. pp.3.



A partir desse momento, Roland Corbisier fora banido do Jornal do Brasil, não voltando a publicar mais no jornal, a despeito de diversos leitores terem escrito para a seção de cartas do jornal, lamentando o seu desaparecimento das páginas do jornal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. “A ascensão da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)”. Revista de Iniciação Científica da Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP Marília/SP.

BARIANI, Edison. “Uma intelligentsia nacional: Grupo de Itatiaia, IBESP e os Cadernos de Nosso Tempo”. Caderno CRH. Salvador, v.18, n.44, pp. 249-256. Maio/Agosto 2005.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

CORBISIER, Roland. Autobiografia filosófica. Das ideologias à teoria da práxis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. Consciência e Nação. São Paulo: Edição da Revista Colégio, 1950.

_____. JK e a luta pela presidência – uma campanha civilista. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

CASTANHO, Sérgio. “Roland Corbisier: o intelectual da ‘cultura brasileira’”. IV Congresso Brasileiro de História da Educação. Goiânia, novembro de 2006.

LOPES, Guilherme Esteves Galvão. “As eleições de 1962 na Guanabara: a consolidação de Brizola no cenário político nacional”. Monografia do curso de graduação em História. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013.



MAIO, Marcos Chor.; CYTRYNOWICZ, Roney. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938) IN: FERREIRA, Jorge.; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Orgs.). O Brasil Republicano. O tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo.

MANOEL, Ivan Aparecido; VALE, Antonio Marques do. “Roland Corbisier, intelectual da cultura no ISEB e no MEC hemiplégico, nas décadas de 1950 e 1960”. IV Congresso Brasileiro de História da Educação. 2006.

MUELLER, Helena Isabel. “Os ativos intelectuais católicos no Brasil dos anos 1930”. Revista Brasileira de História. São Paulo Jan./Junho 2015. vol.35 no.69

ORY, Pascal. Dernières questions aux intellectuels. Paris: Olivier Orban, 1990.

TRINDADE, Helgio. Integralismo, o fascismo brasileiro na década de 30. São Paulo: Difel, 1974.

VELHO, Gilberto. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.